

ESPORTE DE ALTO RENDIMENTO: REFLEXÕES PSICANALÍTICAS E UTÓPICAS

HIGH PERFORMANCE SPORTS: PSYCHOANALYTICS AND UTOPIANS REFLECTIONS

Mariana Hollweg Dias e Edson Luiz André de Sousa

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil

RESUMO

Este artigo busca fazer uma análise a respeito do esporte de alto rendimento a partir dos referenciais teóricos da Psicanálise e dos Estudos Utópicos, partindo do princípio de que a lógica do esporte de alto rendimento na contemporaneidade reverbera a lógica do laço social. A exigência da “alta performance” sempre é uma das características de nossa época que estão fortemente presentes no discurso do esporte de alto rendimento e que muitas vezes são fonte de padecimento para os sujeitos, atletas ou não. Apesar disso, o esporte ainda tem muito a contribuir na nossa sociedade, e a aposta deste trabalho é no que foi chamado utopia esportiva, que preconiza o acento na busca da superação mais do que o resultado final necessariamente no lugar mais alto do pódio.

Palavras-chave: esporte de alto rendimento; utopia; psicanálise; psicologia do esporte.

ABSTRACT

This paper aims to make an analysis about the sports of high performance from the theoretical references of Psychoanalysis and Utopian Studies, assuming that the logic of sports of high performance reverberates the contemporary logics of social bond. The never-ending requirement of “high performance” is one characteristic of our time that is strongly present in the speech of sports of high performance and are often a source of suffering for the subjects, athletes or not. Nevertheless, sports still have much to contribute to our society, and the bet of this reflection is on what was called sports utopia, which advocates the emphasis on overcoming limits more than in the final result necessarily in the highest podium placing.

Keywords: sport of high performance; utopia; psychoanalysis; psychology of sport.

Somente quando o nadador também partilha a situação dada, nada para a liberdade e ama as águas profundas. (Bloch, 2006, p.11).

A vida é indissociável da incompletude, da confusão do vir-a-ser constante que a incompletude promove. (Kehl, 2000, p.144).

Cena 1

Ocupava o mais alto lugar no pódio, tinha no peito a medalha de ouro, mas isso já não era mais o suficiente. Diante do olhar orgulhoso de minha mãe, mediado por uma filmadora que me indagava sobre os louros da vitória, a resposta vinha em forma de lágrimas: “Ganhei, mas não bati o recorde”. Essa foi uma das marcantes passagens da minha vida de atleta na adolescência, uma cena que, aliás, repetia-se com frequência denotando a vivência sempre conflitante no mundo do esporte de alto rendimento¹: a alegria

efêmera da vitória que traz consigo a angústia de manter-se nesse lugar, seguida sempre pelo desejo de superação o qual insiste em apontar que a realização estará mais adiante, que ainda falta.

A efemeridade da alegria devido a uma busca inesgotável pelo resultado ideal, esse “ainda falta” sempre presente no discurso do esporte de alto rendimento parece-nos também ter lugar na vida de não-atletas. Vivemos em uma época que nos exige “alta performance” o tempo inteiro, é como se todos almejassem o lugar mais alto no pódio na corrida por um emprego e na tentativa de mantê-lo, na possibilidade de consumo de todos os objetos “essenciais” a todo momento anunciado pela mídia, na busca frenética para adequar-se aos padrões de beleza, etc. Este “ainda falta” vivenciado no esporte, essa performance que nunca é boa o suficiente já que, após a sua comemoração, há de se pensar no novo limite a ser ultrapassado, está presente no nosso laço social como um todo, sendo potencialmente fonte

de padecimento do sujeito contemporâneo. É nesse sentido que partimos da premissa de que a lógica do esporte de alto rendimento reverbera a lógica do laço social contemporâneo. Há algo no discurso desse tipo de prática esportiva que diz da maneira como nossa sociedade está estruturada e como o sujeito se constitui nesse laço.

Cena 2

Meu pai era um grande mergulhador e eventualmente competia, mas de forma irregular. Tinha muito fôlego, mas sua técnica não era das melhores o que o fazia avançar mais lentamente no fundo da piscina. Eu era ainda muito pequeno, quando fui assistir com meu irmão menor e minha mãe uma competição final de mergulho em que ele ia participar. Era um domingo quente que refletia o azul profundo da piscina de 50 metros, e uma expectativa ansiosa em função da exposição que meu pai inevitavelmente se submeteria. Ele chegou à final e na última disputa saiu debaixo d'água há menos de 5 metros do final da piscina, assumindo, dessa forma, sua segunda posição. Assim, meu pai ainda pôde ver o atendimento de urgência feito ao campeão que chegou quase afogado. Nesse momento compreendi sua vitória aceitando que encontrara seu limite. Hoje, esta experiência dialoga em todas as letras com uma reflexão de Bloch (1982), quando aborda a questão do esporte em seu clássico *Princípio Esperança*: “Exercitar o corpo, sem exercitar a cabeça, isto levaria finalmente a fazer de si bucha de canhão” (p. 13).

Partimos então dessas duas cenas para tecer algumas reflexões sobre os estilos de competição no esporte em nossos tempos.

Na eterna busca da performance sempre melhor, há inúmeros sacrifícios a serem feitos. No treinamento de alto rendimento, seja ele técnico, tático, físico e mesmo psicológico, o atleta não raras vezes é desconsiderado como sujeito. Na medida em que não participa ativamente do processo de construção de treino e em que os aspectos subjetivos são desconsiderados, fica numa posição de objeto frente ao discurso da alta performance. Nossa questão então seria: há resistência possível quanto a um apelo à minimização da condição desejante do sujeito potencialmente presente no discurso de alto rendimento?

Neste percurso, a psicanálise e os estudos utópicos serviram como aportes conceituais e metodológicos. Rosa (2004) define a psicanálise extramuros ou em extensão como “uma abordagem – por via da ética e das concepções da psicanálise – de problemáticas

que envolvem uma prática psicanalítica que aborda o sujeito enredado nos fenômenos sociais e políticos, e não estritamente ligado à situação do tratamento psicanalítico”. (p.1). Nesse sentido, a pesquisa psicanalítica vai ao encontro do pensamento utópico como método de pesquisa já que, como coloca Sousa (2006) “A utopia, nesta perspectiva, tem muito mais uma dimensão de subtração de um excesso de imagens e de sentido, exatamente como na interpretação psicanalítica, suspendendo as certezas do sujeito, do que prescrevendo novos códigos de conduta e projetos de felicidade”. (p.73).

Esporte e laço social

A raiz do esporte de alto rendimento tal como o conhecemos hoje remete ao surgimento do esporte moderno na Inglaterra da Revolução Industrial estando ligado a fatores políticos, econômicos e sociais. Ele teria surgido da modificação, ou esportivização de elementos da cultura corporal do movimento das classes populares e da nobreza inglesa. Os jogos tradicionais, até por volta de 1800, estavam ligados a festas como aquelas feitas em homenagem à colheita ou a algum motivo religioso. Com os processos de urbanização e industrialização, houve mudanças nas condições de vida da sociedade o que afetou também a maneira como os jogos eram realizados. Fatores como a redução da jornada de trabalho, a urbanização, a modernização da comunicação e do transporte e, conseqüentemente, o aumento do tempo livre foram determinantes para a expansão da prática esportiva. (Bracht, 1997; Gumbrecht, 2007; Rubio, 2002a, 2002b).

Para Elias e Dunning (1992), tanto a industrialização como a organização do desporto dizem respeito a um quadro de transformação mais ampla nas sociedades-estado desde aquela época, fazendo parte da conjuntura econômica e social. Em especial, o fato de o desporto passar a ser parte do divertimento da nobreza inglesa estava estritamente ligado a mudanças quanto à sensibilidade em relação à violência para essa classe social. A emergência do desporto, como um tipo de confronto relativamente não violento, estava diretamente ligada ao fato de os ciclos de violência terem abrandado e os conflitos de interesse passarem a ser resolvidos de acordo com regras aceitas por ambas as partes. Dessa forma, o desporto advém como uma forma de lazer resultante da necessidade de sublimação que um alto grau de civilização requer. Como destaca Gay (1995), o desenvolvimento do esporte, tal como hoje o conhecemos, vem ao encontro do desejo dos vitorianos de impor certo controle às paixões indômitas, contendo a agressividade e mobilizando-a

para a construção e não para a destruição. O esporte disciplinado era uma forma de combater uma possível desordem social, um equivalente moral para a agressividade.

O modelo inglês de organização do esporte, construído concomitante ao processo de racionalização e secularização da sociedade, disseminou-se, tornando-se um paradigma do esporte moderno. Dessa forma, a cultura corporal do movimento esportivizou-se incorporando valores intrínsecos à sociedade capitalista como: a orientação ao rendimento e à competição, o cientificismo do treinamento, a organização burocrática, a especialização de papéis, a pedagogização e o nacionalismo. Como afirma Bracht (1997), “Tão rápido e tão ‘ferozmente’ quanto o capitalismo o esporte expandiu-se a partir da Europa para o mundo... Hoje ele é, em praticamente todas as sociedades, uma das práticas sociais de maior unanimidade quanto a sua legitimidade social.” (p.5).

A grande expressividade do esporte de alto rendimento em nossa cultura fica evidente em razão do destaque dado pela mídia a campeonatos e ligas nacionais e mundiais relacionados aos diferentes tipos de esportes e, em especial aos Jogos Olímpicos com todo o seu *glamour*. Se o desporto moderno nasce, de alguma forma, já atrelado ao capital, o advento do profissionalismo e o Movimento Olímpico Moderno são importantes analisadores que nos permitem compreender como tal relação foi ficando cada vez mais forte.

Em 1896 ocorreram os primeiros Jogos Olímpicos dos tempos modernos na Grécia. O chamado Movimento Olímpico Moderno objetivava a universalização da instituição esportiva priorizando os aspectos pedagógicos do esporte, o culto ao corpo e a atividade física a partir de uma competição leal e sadia. O fato de tal movimento atrelar o esporte à nação é apontado como um dos principais acontecimentos responsáveis pela forte politização do meio esportivo já que o rendimento nessa área também passou a ser visto como poder de uma nação (Rubio, 2001). Até os dias de hoje, as grandes potências econômicas estão à frente no quadro de medalhas olímpicas o que prova o grande investimento feito na formação de seus atletas e a importância política e econômica do evento.

Para Dunning (1992), ainda que a seriedade na forma de encarar o esporte esteja na gênese do esporte moderno mesmo dentro de uma estrutura amadora, é inegável o papel desempenhado pelo advento do profissionalismo na tendência mundial a uma crescente competitividade e seriedade no modo de envolvimento com a prática esportiva favorecendo cada vez mais uma orientação voltada para os

resultados em diferentes níveis de participação, mas em especial no alto rendimento. Junto ao fenômeno da profissionalização, veio uma maior exploração econômica dos eventos esportivos que movimentam vultosas somas de dinheiro no mundo todo. Hoje os atletas de ponta recebem dinheiro para treinar, fazendo da prática esportiva o seu meio de sustento. Eles são patrocinados por grandes marcas, tornam-se garotos-propaganda de empresas dos mais variados setores, já que são ídolos de grande parte dos consumidores.

Acontece que, dessa forma envolvidos com toda a máquina capitalista, os atletas são muitas vezes tratados como mais uma mercadoria. O rendimento diz o quanto cada um deles vale. Um exemplo facilmente identificado no “país do futebol” é o aumento do valor do passe de um atleta na proporção da soma de gols atingida em um campeonato. A psicanálise evidentemente vem fazer resistência a esta direção mostrando que é quando o sujeito falha na construção da perfeição que um lugar de enunciação é possível. Como lembra Wajcman (1998): “Há sujeito quando há algo que falha no objeto”. (p.66).

O desenvolvimento do esporte moderno teve muitas reações críticas, principalmente de movimentos sociais de esquerda ao longo da história. Bracht (1997) destaca que a partir da década de 60 a sociologia e a filosofia começam a ocupar-se do fenômeno esportivo. O autor faz toda uma revisão sobre a posição de diferentes escolas quanto ao esporte: escola de Frankfurt, teoria de Michel Foucault, de Pierre Bourdieu, autores vinculados à teoria marxista e à teoria gramsciana da hegemonia². O interessante é que, independentemente da abordagem teórica, o que perpassa essas análises é o fato de encararem a instituição esportiva como forma de manipular, adaptar, disciplinar, segregar, submeter. Raramente é citada alguma possibilidade de resistência desde o esporte.

A dimensão imaginária do “atleta-herói”

Na cultura esportiva responsável pela formação de atletas de alto rendimento há todo um discurso e uma prática que visam à superação de limites por parte do atleta, sejam eles físicos ou emocionais, custe o que custar. Assim, é muito comum ouvirmos nesse meio que é preciso dar “101%” de sua capacidade nos treinamentos e competições a fim de se obter o resultado desejado, afinal só há lugar para três no pódio e os louros são muitas vezes dados apenas ao primeiro. Logo, é preciso estar no lugar mais alto, é preciso superar-se e para isso há muitos sacrifícios a serem feitos. Há inegavelmente um ideal de perfeição,

de completude, de ir além do que até então era colocado como um limite para o desempenho. Recorremos ao conceito de narcisismo e seus desdobramentos em eu ideal e ideal do eu para pensar o atravessamento desse discurso no laço social contemporâneo.

Freud (1914/1996), no texto “Sobre o narcisismo: uma introdução”, parte do princípio de que o excesso de investimento pulsional direcionado a si mesmo como pode ser encontrado em determinadas patologias, faz parte do desenvolvimento normal em um determinado período da vida, sendo um componente libidinal da pulsão de autopreservação. O autor denomina de narcisismo primário esse período em que a criança pequena toma a si mesma como objeto de amor antes de investir em objetos exteriores, o que está diretamente relacionado com o estado de onipotência em que ela acredita estar. Trata-se de um momento de funcionamento autoerótico das pulsões em que ainda não há clivagem entre o sujeito e o mundo. O eu ideal está relacionado justamente com esse período quando o eu se constitui numa imagem de perfeição e de completude.

Segundo Freud (1914/1996), a construção do eu ideal é fruto do próprio narcisismo dos pais. A atitude de pais afetuosos frente a seus filhos é uma revivescência do narcisismo que há muito já abandonaram. Isso explica o fato de os pais atribuírem todas as perfeições aos filhos ocultando qualquer falha que possam ter ou restrições que tenham de enfrentar. Assim, os pais os colocam na posição de “Sua majestade o bebê”. Fazemos um paralelo com o que se dá no laço social em relação à figura do atleta. Esse sujeito, capaz de feitos impensáveis para um “simples mortal” acaba por ser admirado e valorizado e do ponto de vista imaginário cumpre essa função de um ideal. Somos falhos, castrados, mas essa figura de vencedor faz sonharmos com a possibilidade de um ideal de perfeição e onipotência, outrora imaginariamente vivido.

Há, certamente, uma dimensão heroica no feito atlético. Rubio (2001), remete à questão de como o chamado do atleta para a prática esportiva assemelha-se ao chamado do herói pela aventura. A autora coloca que o mito do herói talvez seja um dos mais antigos, sendo encontrado na estrutura mitológica Grega, Romana e também na Idade Média, no extremo Oriente e entre diversas tribos contemporâneas com uma estrutura em comum, uma história de vitória digna de deuses conquistada a duras penas. Daí o mito do atleta-herói: “Os feitos realizados por atletas, considerados sobre-humanos para a grande maioria da população, somados ao tipo de vida regrada a que são submetidos contribui para que essa imagem se sedimente.” (Rubio, 2001, p. 99).

Freud (1922/ 1996), em “Psicologia de Grupo e Análise do Ego”, coloca que o mito é o passo com o qual o indivíduo emerge da psicologia de grupo. Como uma construção narrativa situada entre o social e a constituição subjetiva, o mito aponta para um ideal social contemporâneo que se presentifica na prática esportiva de alto rendimento e que não é sem consequências para o sujeito atleta que se põe a realizá-lo. Se temos a imagem do “atleta-herói” como um componente na economia psíquica de um sonho ideal perdido, isso diz do sintoma de nossa época.

Para Kehl (2001)³, a passagem de uma economia sustentada pela produção industrial para a que hoje vivemos, sustentada pelo consumo e pela indústria da comunicação, acarretou profundas transformações no laço social desse novo milênio. Se na sociedade vitoriana havia uma ênfase na necessidade de renúncia e sacrifício, hoje o sujeito é convidado a consumir, a abusar, a desafiar, a gozar, configurando o que ela chama de um laço que se organiza em termos de histeria. O sujeito é demandado a não adiar, vivendo como que um delírio de onipotência que alimenta o imaginário de um sujeito não barrado.

Melman (2003) também fala de um forte apelo à satisfação plena existente na contemporaneidade, advinda de um aniquilamento da instância fálica. O autor defende inclusive o surgimento de uma nova economia psíquica. Para ele, passamos de uma cultura fundada no recalque dos desejos, portanto neurótica, para uma que promove a perversão, ou seja, uma economia psíquica organizada pela exibição do gozo, em que o sujeito só se faz reconhecer no social se está em alta performance. Se só se tem apetite pela satisfação plena, é à pulsão de morte que se aspira, na medida em que a entendemos como a abolição da tensão conseguida pelo encontro com o objeto de satisfação. Fazer acreditar nessa possibilidade como se não fôssemos interditados pela própria condição de sujeitos de linguagem é o que caracterizaria a sociedade contemporânea.

O que nos interessa, a partir dessa reflexão, é pensar que, numa sociedade que se organiza desse modo, fica excluída a dimensão da falta, da fragilidade. É como se para o sujeito contemporâneo todas as condições de gozo estivessem ao seu alcance, mas ele está sempre aquém, quem goza é o outro que o exclui, e ele, desamparado, padece. Sabemos que muitas vezes na cultura do esporte de alto rendimento ou se é o vencedor ou se é desconsiderado. Essa insatisfação permanente do atleta que busca sempre mais reverbera um sintoma social contemporâneo? É num delírio de sujeito não barrado que vive esse atleta sempre em busca do recorde?

O “sujeito-atleta” e o registro simbólico

Para Freud (1914/1996), o narcisismo primário é abandonado quando a criança se vê confrontada com um ideal ao qual tem que se comparar. Quando a criança percebe que a mãe deseja algo para além dela, tem como objetivo reconquistar o seu amor, então, certas exigências devem ser atendidas, as do ideal do eu, instância que rege o narcisismo secundário.

O ideal do eu, cujo entendimento foi construído a partir do indivíduo, é uma grande chave de compreensão da psicologia de grupo: “Além do seu aspecto individual, esse ideal tem seu aspecto social; constitui também o ideal comum de uma família, uma classe ou uma nação.” (p.108). Abre-se com isso a possibilidade de buscarmos entender o papel da figura do “atleta-herói” em nossa sociedade para além da dimensão imaginária trabalhada no item anterior, mas também numa via de inscrição simbólica.

Lacan (1953-1954/1995), no Seminário 1 – Os escritos Técnicos de Freud, coloca que ainda que o mundo simbólico seja pré-existente ao sujeito, é necessária a relação imaginária com o outro para que o sujeito se insira na realidade simbólica. Com o ideal do eu o simbólico se sobrepõe ao imaginário e o organiza. Mais adiante, no Seminário 4 – A Relação de Objeto, Lacan (1956-1957/1995) retoma o conceito de estágio do espelho para compreender o ideal do eu. O autor frisa que nessa fase se produz a relação com a imagem do outro dando ao sujeito “a matriz em torno da qual se organiza para ele o que eu chamaria de sua incompletude vivida: a saber, o fato de que ele está em falta.” (p.179). É justamente com relação a essa imagem que se apresenta como total, sendo fonte de júbilo, que a criança realiza que algo pode lhe faltar, já que é só quando o imaginário entra em jogo que pode aparecer tanto para a mãe quanto para a criança que algo pode faltar imaginariamente: “É na relação especular que o sujeito tem a experiência e a apreensão de uma falta possível, de que alguma coisa mais além pode existir, alguma coisa que é uma falta”. (p.179). Se, por um lado, a vivência do estágio do espelho é fonte de alegria para o bebê por reconhecer-se na totalidade do seu ser, por outro, dá-se conta que é separado do corpo materno e então experimenta um sentimento de impotência.

Vemos, então, que é somente para além da realização narcísica, quando começa haver uma tensão entre o sujeito e o outro, desde onde se constitui o eu, que é possível que se introduza a falta do objeto de amor, e daí que nenhuma satisfação por um objeto real é jamais capaz de preencher a falta na mãe. Ou seja, é só

porque a partir da relação especular pode imaginar uma falta possível - a dimensão da incompletude inerente ao sujeito - que foi necessário a construção do ideal, a saída do narcisismo primário para o investimento em um ideal do eu. É aí que o sujeito se encontra com a experiência da castração.

Na medida em que responde ao chamado do discurso do alto rendimento, o que move o sujeito atleta não passa apenas pela via imaginária da busca por um estado mítico de onipotência outrora perdido, mas também por uma via de inscrição simbólica. A experiência do esportista de alto rendimento na busca constante de ir além reatualiza a dimensão da castração, afinal como lembra Nasio (1989)

Uma experiência por atravessar, um obstáculo a superar, uma decisão a tomar, um exame a passar etc., todos são desafios da vida cotidiana que reatualizam, sem o conhecimento do sujeito e ao preço de uma perda, a força separadora de um limite simbólico. (p. 37)

Nesse ponto, lançamos uma outra hipótese. Se é justamente porque há algo que falta que há a construção de um ideal do eu, é porque sabe que há limites para seu corpo e seu desempenho que o atleta treina muito, que se sacrifica em busca da almejada superação. Dessa forma, o sacrifício em busca da superação não estaria a serviço da negação da falta, mas o contrário.

Impotência ou impossibilidade?

É certo que o rigor necessário no treinamento de alto rendimento traz inúmeras compensações fazendo o esforço muitas vezes valer a pena. No entanto, a ênfase dada à vitória e à necessidade de superação muitas vezes ultrapassa o limite. Se a alta performance de um herói é o traço identificatório do atleta, a impossibilidade de atingi-la é vivenciado com muito sofrimento. O atleta então personifica o sujeito contemporâneo de que nos fala Kehl (2001), um malabarista que não pode cair do seu lugar de visibilidade.

Nos esportes de alto rendimento realmente muitas vezes somente o feito vitorioso é reconhecido, dessa forma, como coloca lembra Valle (2003), o sofrimento acarretado pelo declínio da performance muitas vezes leva o atleta à sobrecarga de treinamentos e mesmo ao uso de drogas na tentativa nada produtiva de lidar com uma situação muitas vezes intolerável. Algo corriqueiro nesse afã pela superação é o acometimento de lesões, afinal levar o corpo ao limite o tempo inteiro é expor-se a este risco. Há inclusive um chavão comum a esse meio: “no esporte de alto rendimento existem

dois tipos de atletas, aqueles que já se lesionaram e aqueles que ainda irão se lesionar”.

Como coloca Vaz (1999), no meio esportivo parece não haver espaço para a dor, que é sempre vista como um obstáculo a ser superado e não como uma aliada na defesa da vida já que avisa quando algo não vai bem. Então, “A grande questão da tolerância à dor e ao sofrimento relaciona-se com a possibilidade de a crueldade – e com ela a violência e a obediência – ser mediada, controlada e prescrita de forma racional, científica.” (p.104). No pain, no gain⁴ é um outro ditado comum no meio que denota o caráter sacrificial do treinamento esportivo.

Através da escuta do grande sofrimento do esportista de alto rendimento seriamente lesionado, podemos perceber que muitas vezes aquilo que é da ordem da impossibilidade como meta a ser atingida, dado os limites do real do corpo, é imaginariamente experienciado como impotência, o que não é sem consequências para o sujeito, que muitas vezes acaba encarando essas situações-limites como uma grande ferida narcísica, o que inclusive, muitas vezes, dificulta o período de recuperação. Da mesma forma, transpondo essa situação para além da vivência dos atletas, é impossível gozar o tempo todo. Uma sociedade que se põe a negar a castração, também obstaculiza uma posição desejante.

Referimo-nos à epígrafe deste texto: “A vida é indissociável da incompletude, da confusão do vir-a-ser constante que a incompletude promove.” (Kehl, 2000, p.144). Qualquer pretensão absolutizante é deletéria, acrescenta autora. Nesse sentido, quando o real do corpo aponta para a incompletude na forma de lesão em um corpo que é tratado como máquina remete o sujeito à dimensão da castração, que, enfim é o que nos permite falar, simbolizar, dimensionar a falta.

De um lado, se estamos na era do “gozar a qualquer preço”, experienciando um terrível sentimento de culpa ao não darmos conta desse desígnio, vivenciando uma incapacidade tremenda de lidar com as frustrações, o esporte de alto rendimento, muitas vezes, reverbera essa lógica. De outro lado, podemos pensar o quanto a busca da superação eterna, e toda a dedicação necessária para tanto, diz do reconhecimento de uma limitação. Buscamos apoio aqui no pensamento de Lebrun (2004). Segundo o autor, querer o impossível não supõe que tudo seja possível, mas ao contrário, significa introduzir no real como impossível, um novo possível. Poderia estar nesse nível a busca do atleta por superar-se. Entretanto, quando o real é entendido como inteiramente manipulável pelo simbólico, discurso da ciência que atravessa nosso laço social, esse real original é esquecido e confundido com tornar

tudo possível. “É a partir desse implícito do discurso da ciência que o deslocamento do limite do possível é espontaneamente confundido com a expulsão do lugar do impossível” (p.106).

Buscaremos apoio nos estudos utópicos para propor o que denominamos de utopia esportiva.

A utopia esportiva

“Utopia” foi o nome dado a uma ilha em uma narrativa de 1516 de Thomas Morus, em que as pessoas eram sábias e felizes já que viviam num sistema político e social que beirava a perfeição. O autor tecia críticas ao sistema de sua época e apresentava um lugar onde as coisas funcionavam de maneira a tornar a sociedade mais harmoniosa. Seguiram-se a essa produção inúmeras outras narrativas que apontavam para uma utopia social, descreviam lugares e sistemas onde outra realidade diferente da existente era possível. Anos mais tarde, o então chamado pensamento utópico passa a ser objeto de reflexão filosófica para além de um gênero literário.

O espírito utópico desperta um pensamento crítico que marca o século XX. Segundo Barbanti (2000), a utopia se caracteriza por ser a manifestação histórica de um sujeito racional que, numa crítica implícita ao presente, prefigura uma outra forma de vida possível. Para Bloch (2005), a utopia está ligada àquilo que ainda-não-veio-a-ser, ao sonho para frente, ao antecipatório. A esperança, definida pelo autor como a mais humana das emoções, nosso afeto militante, impulsiona esse sonho. Sendo assim, a categoria do utópico tem o sentido de ultrapassar o curso natural dos acontecimentos tendo “a importante função de resistir aos imperativos do consenso que cada vez mais o laço social nos impõe.” (Sousa, 2007, p.14).

Propomos pensar o esporte como uma utopia. Mas de que utopia se trata? Para o que ela aponta?

Levando em consideração a crise de valores quanto a uma identificação possível na atualidade, vemos o quanto o desempenho ideal almejado pelos atletas pode servir como um horizonte identificatório. Na busca da excelência é preciso determinação e muita disciplina, dedicação e uma dose de paciência. O imediatismo não cabe aqui. É preciso confiar na equipe técnica e nos colegas, no caso do esporte coletivo, onde o fator cooperação é importantíssimo. É necessário não desanimar após uma frustração, inerente ao envolvimento com competição, e ter garra o suficiente para seguir tentando, mesmo quando o caminho parece extremamente árduo. Se, por um lado, toda essa vivência esportiva pode apontar para

um aspecto opressor desse meio, por outro, podemos pensar o quanto esses valores (determinação, disciplina, dedicação, etc.) têm um potencial extremamente construtivo no laço social.

Além disso, a congregação e a igualdade de classes, presentes nas grandes narrativas utópicas sociais, estão fortemente associadas ao meio esportivo. Atualmente quase todos os países possuem alguma representatividade em encontros esportivos internacionais. Tais encontros permitem uma aproximação entre países de culturas e estruturas sociais e econômicas muito diferentes, mas que se confrontam obedecendo a regras universalizadas. Assim, o esporte possibilita uma expressão não destrutiva da competitividade entre os povos, ao mesmo tempo que estimula a busca constante pela excelência no desempenho humano. Este é, sem dúvida, um dos aspectos que tornam o fenômeno esportivo tão importante na atualidade. Se por um lado o esporte moderno nasce atrelado ao capital e de certa forma reproduzindo certos “valores” advindos daí, por outro desde esse momento inicial fica claro o seu potencial como resistência a tal modelo. Um bom exemplo foi o movimento esportivo/ginástico da classe trabalhadora europeia que teve seu auge nas três primeiras décadas do século XX. Com esse movimento, os trabalhadores buscavam explorar a ludicidade, as atividades em grupo e a solidariedade indo de encontro ao acento na disputa que iniciava a ser preconizado. Seu alcance foi tão grande que se chegou a criar uma Internacional Socialista das práticas corporais, e três olimpíadas dos trabalhadores sem o uso de cronômetros ou fitas métricas foram organizadas (Bracht, 1997; Elias & Dunning, 1992). Mais recentemente também não faltam exemplos, cabe destacar que eventos esportivos internacionais também protagonizam laços de afeto, respeito, amizade a despeito de desavenças políticas.

Gumbrecht (2007) destaca que a tradição intelectual ocidental trabalha com dois conceitos que vêm da Grécia antiga para pensar o esporte: agon e arete. Agon está relacionado com luta, com competição que, segundo o autor, é associado com tensões potencialmente violentas dentro das regras do esporte. Já arete refere-se a busca pela excelência visando levar a performance aos limites. Para o autor, o componente dominante da performance atlética é a arete já que a própria busca pela excelência implica competição.

Se pensarmos a arete como o componente dominante da performance atlética, em que o caminho na busca pela excelência é colocado em primeiro plano, podemos considerar o esporte de alto rendimento como uma utopia iconoclasta⁵ segundo o proposto por Jacoby (2007). Isso pode ser considerado, visto que há

uma intenção de melhora em relação à situação atual, mas o acento maior está na busca desse objetivo mais no que no que o resultado final da competição, não está em um projeto já pronto, mas numa aspiração. Se o importante é o caminho vivenciado na busca pela superação e não a chegada vitoriosa, o fracasso não é visto com o desdém que a sociedade capitalista preconiza. Jacoby (2007) destaca nesse sentido que a história das comunidades utópicas em geral é de fracasso, no entanto, algo de positivo ainda resulta dessa experiência que foi capaz de transformar pessoas e percepções.

Visto dessa forma, o ideal esportivo de superação pode estar tensionando o presente e cumprindo a função utópica de levar o desejo, como algo que nos move em direção à vida, adiante. Ele não precisa estar limitado a um dever-ser opressor, pode aprender com a experiência e fazer concessões quando a sua exigência corre o risco de aniquilar o sujeito. Bloch (2005) alerta que nem toda formação de ideais está limitada ao dever-ser, há um lado mais livre, uma antecipação genuína no ideal, já que é de sua natureza estar numa relação de tensão com o que existe e daí a sua função utópica: “ressoa no ideal a resposta do sujeito à vida imperfeita, a resposta tendencial contra o insuficiente, em favor do humanamente apropriado” (p. 172).

O pensamento de Bloch (2006) a respeito do esporte vai nessa direção. Diz o autor, que ainda que a luta por melhoras seja muitas vezes substituída pela “superação de recordes”, denotando o caráter político do esporte e por isso mesmo via fácil de expressão dos sintomas de uma época, o exercício atlético continua desejante e esperançoso

Não apenas visa assumir o controle do corpo, de modo que não haja nele gordura e que cada movimento flua suave e desinibidamente. Visa também fazer mais, poder ser mais com o corpo do que lhe foi cantarolado no berço. Na postura esportiva genuína isso é bem diferente da postura cosmética... O corpo justamente não deve ser encoberto, mas sair das distorções e deformações que a sociedade de divisão do trabalho, da alienação, também lhe causou. (p.11)

O papel da técnica e o potencial utópico

Como refere Gumbrecht (2007), “Alguma coisa acontece aos corpos nos grandes momentos do esporte, algo para o qual os corpos não foram feitos”. (p.128). E se é para algo para o qual os corpos não foram feitos que se está indo, então a entrada da técnica é fundamental. Temos então, nesse tipo de prática esportiva, a busca de um ideal de desempenho, um ideal de perfeição a ser atingido o qual só um corpo perfeitamente treinado,

delineado, potente é capaz de atingir. Há uma utopia de ir além que só a técnica permite. Dentre todo o arsenal tecnológico, temos os estudos científicos capazes de indicar os efeitos do treinamento e a melhor forma de conduzi-lo, progressos na construção dos complexos esportivos, roupas e materiais esportivos cada vez mais sofisticados fazendo parte do arsenal necessário (Rubio, 2002a, 2006).

Em ano de Olimpíadas pudemos acompanhar o lançamento de muitos desses artefatos. Em Pequim 2008, um em especial é exemplar para a nossa discussão, o traje de banho chamado LZR Racer da Speedo que prometia proporcionar um melhor desempenho. O tecido do supermaíô desenvolvido pela NASA facilita os movimentos do corpo diminuindo a resistência da água. Há uma cinta estabilizadora ao redor do abdômen que ajusta o corpo em sua melhor posição o que facilita a flutuação e reduz a oscilação muscular durante a prova. Muito recordes foram quebrados nas provas de natação nesses jogos, como nunca antes na história do esporte, alguns chegaram a ser batidos duas vezes, na fase classificatória e depois na final. Falou-se inclusive em “doping tecnológico”: seriam os maíôs a baterem os recordes? A resposta ficou um pouco difícil, afinal, a estrutura da piscina em si também teria tido uma importante contribuição! Um detalhe: o maíô “mágico” fica inutilizável após 10 usos. Ao lado da efemeridade dos recordes, fica evidente a efemeridade da própria técnica.

Nos séculos XIX e XX houve um declínio das utopias clássicas e a ascensão do chamado utopismo tecnológico. É como se o grande desenvolvimento da técnica, das tecnologias, das tecnociências trouxesse a esperança de enfim dominar a natureza e assim concretizar uma antiga fantasia utópica. O mal estaria justamente em identificar tal desenvolvimento com progresso e não apenas como um instrumento possível para tal (Barbanti, 2000; Sfez, 1996). Como nos lembra Bloch (2005), “mesmo uma pitada de pessimismo seria preferível à fé no progresso automático” (p.197).

Barbanti (2000), através de toda uma crítica à arte tecno-cyber, aponta para um ponto nevrálgico: no momento em que através da técnica se busca a realização dos desejos utópicos, renunciando-se muitas vezes à reflexão crítica, a própria função da utopia é posta em risco. Haveria assim, ao lado da santificação da técnica, desprezo pela insuficiência do humano. O autor alerta que essa crença na técnica, que torna ideológico o utopismo técnico, traz um paradoxo, visto que, ao mesmo tempo em que buscamos dominar a natureza pela técnica, somos dominados pela própria técnica, ou seja, na medida em que ela se torna vital e necessária, nos faz refém.

Nesse sentido estaria ameaçado o potencial utópico do ideal esportivo da busca da excelência na medida em que a entrada da técnica passa a ser fundamental? Os limites das intervenções tecnológicas permitidas no corpo do atleta é uma questão que está na ordem do dia para o esporte de alto rendimento. Frente ao domínio técnico é possível pensar na arete como ideal esportivo? O esporte ainda cumpre uma função?

Pensamos que, a priori, o espírito utópico do esporte não está ameaçado pela técnica desde que a possamos pensar como não dogmática. O esporte ainda pode oferecer imagem de superação que tenha função de fortalecer o laço social, compartilhamento de um ideal, desde que no diálogo com uma técnica que seja “imperfeita”, não diga tudo deixando espaço para o sujeito. Nesse sentido, nosso pensamento vai ao encontro do que indica Poli (2006): “Hoje, aprender os benefícios da ciência sem dispensar a experiência singular é a principal tarefa ética dos psicanalistas no exercício de sua prática clínica e em suas intervenções na cultura.” (p.42).

Considerações finais

Nesse ponto, retomemos a questão inicial: é possível conduzir a melhor performance sem objetualizar o sujeito? A reflexão que pudemos construir ao longo desse trabalho nos permite pensar o quanto o ideal de superação, que propomos como sendo a utopia esportiva, realmente em algum momento pode constituir-se num imperativo bastante cruel. Este “ideal da alta performance custe o que custar” que atravessa o esporte de alto rendimento faz parte de toda a rede discursiva que nos enlaça, e, estando fortemente presente no discurso social, podemos pensar que se constitui como um sintoma desse.

Atualmente é impossível pensar o homem sem todas as tecnologias que o circundam e assim também o é no esporte. Dos programas de computador que auxiliam no *scout* do jogo às roupas e acessórios especiais, tudo isso já é parte do cenário esportivo contemporâneo. Não se trata de atacar ingenuamente tudo que não é “natural” ao homem, e sim de uma posição ética que, a nosso ver, necessariamente deveria ser tomada por todos os atores envolvidos no esporte espetáculo – equipe técnica, dirigentes, patrocinadores – que permita dar-se conta de que:

Depende de nós, agindo politicamente, ou que não haja nenhum homem-máquina, ou que ele seja ao amável quanto o homem de lata do Mágico de Oz, que acaba ganhando um coração no final da jornada.

É o homem como autor do seu destino... (Rouanet, 2003, p.62).

Quando se trata do trabalho psicológico realizado com atletas e equipes esportivas, a grande maioria das intervenções ainda se pauta em um modelo bastante positivista. Há a preocupação em treinar as habilidades psicológicas necessárias a um bom desempenho como a atenção, a concentração, o controle do nível de estresse e de ansiedade, etc. No entanto, muitas vezes o sujeito atleta, com suas angústias, suas vivências, seus sonhos, suas expectativas, suas frustrações não é escutado e dessa forma o foco do trabalho passa a ser a vitória e não o sujeito. Então, pensamos na potência da escuta psicanalítica no trabalho com esses atletas. Ao contrário de muitas teorias psicológicas que com suas técnicas parecem visar continuar tamponando a falta, a psicanálise, numa interlocução com o treinamento esportivo, permite resgatar a dimensão desejante tantas vezes negligenciada na instituição esportiva. Não se trata de assim julgar a pertinência deste ou daquele modo de treinar ou conduzir a carreira atlética, e sim de permitir que o atleta possa fazer suas escolhas sendo realmente sujeito da sua história e não apenas assujeitado a um discurso outrora instituído.

No entanto, restam dúvidas: estando o atleta de alto rendimento nessa posição de poder resistir sustentar-se-á a busca eterna da melhor performance? Como isso repercute no montante de dinheiro investido nesse esporte?

É a esperança, ensina-nos Bloch (2005), que impulsiona o sonho utópico. A utopia que vislumbramos neste trabalho é justamente essa possibilidade de o atleta não figurar como objeto no alto rendimento, de o esporte não ter seus nobres valores corrompidos pelo capital, e, enfim, de que o desenvolvimento científico, capaz de criar novas tecnologias esportivas, não substitua o atleta como personagem principal.

Notas

- 1 Bracht (1997) propõe que classifiquemos as atividades esportivas como esporte de alto rendimento ou esporte espetáculo e esporte enquanto atividade de lazer. Neste último, os motivos para a prática estão ligados à saúde, ao prazer, à socialização. Naquele, como o próprio nome sugere, a meta é a maximização do rendimento, a busca constante por ultrapassar limites, quebrar recordes.
- 2 Para um aprofundamento dessas questões remetemos o leitor diretamente à consistente análise de Bracht.
- 3 Kehl, M. R. (2001). O sintoma no laço social contemporâneo. Mimeo.
- 4 Algo que poderia ser traduzido como: sem dor não há ganhos.

- 5 Jacoby (2007) sublinha que na tradição encontramos uma escola utópica projetista e uma iconoclasta. Os utopistas projetistas detalharam especificamente como seria o futuro, como as pessoas deveriam trabalhar, comer, vestir-se, brincar. Para o autor, tal planejamento excessivo soa autoritário e repressivo, afinal há uma maneira correta que as pessoas deveriam seguir. Já nas utopias iconoclastas, há o mesmo anseio por uma sociedade justa e igualitária, mas não é apontada qual seria essa sociedade ideal. Os iconoclastas mantinham os ouvidos abertos, e não cristalizavam o futuro em uma imagem. Muitos desses teóricos são judeus, por isso o autor sugere que a utopia iconoclasta apoia-se possivelmente na tradição judaica em que a representação visual de Deus é proibida, a oração judaica começa com “Ouça, ó Israel”. “Pistas, fragmentos e suspiros – não projetos – sustentam essa esperança.” (p. 210)

Referências

- Barbanti, R. (2000). *L'art techno-cyber: La derive technicienne de l'esprit utopique de l'art du XXe siècle. L'utopie à l'époque de l'ultramedialité*. In R. Barbanti (Org.), *L'art au XXe siècle et l'utopie* (pp. 121-174). Paris: L'Harmattan.
- Bloch, E. (1982). *Le Principe Espérance – Les épures d'un monde meilleur* (Vol. 2). Paris, Gallimard.
- Bloch, E. (2005). *O Princípio Esperança* (Vol. 1). Rio de Janeiro: UERG; Contraponto.
- Bloch, E. (2006). *O Princípio Esperança* (Vol. 2). Rio de Janeiro: UERG; Contraponto.
- Bracht, V. (1997). *Sociologia Crítica do Esporte: uma introdução*. Vitória: UFES.
- Dunning, E. (1992). A dinâmica do desporto moderno: notas sobre a luta pelos resultados e o significado social do desporto. In N. Elias & E. Dunning, *A Busca da excitação* (pp. 299-325). Lisboa: Difel 82.
- Elias, N. & Dunning, E. (1992). *A Busca da excitação*. Lisboa: Difel 82.
- Freud, S. (1996). Sobre o narcisismo: uma introdução. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol.14, pp. 47-108). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1914)
- Freud, S. (1996). Psicologia de grupo e análise do ego. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 18, pp. 79-143). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1922)
- Gay, P. (1995). *A Experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Gumbrecht, H. (2007). *Elogio da beleza atlética*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Jacoby, R. (2007). *Imagem perfeita – pensamento utópico para uma época antiutópica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Kehl, M. R. (2000). O sexo, a morte, a mãe e o mal. In A. Nestrovski & M. Seligmann-Silva, M. (Orgs.), *Catástrofe e Representação* (pp. 137-148). São Paulo: Escuta.
- Lacan, J. (1995). *O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: J. Zahar. (Original publicado em 1953-1954)
- Lacan, J. (1995). *O seminário, livro 4: a relação de objeto*. Rio de Janeiro: J. Zahar. (Original publicado em 1956-1957)
- Lebrun, J.-P. (2004). *Um mundo sem limites: ensaio para uma clínica psicanalítica do social*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

- Melman, C. (2003). *O homem sem gravidade: gozar a qualquer preço*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Nasio, J. D. (1989). *Lições sobre os 7 conceitos cruciais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Poli, M. C. (2006). "Eu não procuro, acho": sobre a transmissão da psicanálise na Universidade. In A. C. Lo Bianco (Org.), *Freud não explica: a psicanálise na universidade* (pp. 39-52). Rio de Janeiro: Contracapa.
- Roanet, S. P. (2003). O homem-máquina hoje. In A. Novaes (Org.), *O homem-máquina: a ciência manipula o corpo* (pp. 37-64). São Paulo: Companhia das Letras.
- Rosa, M. D. (2004). A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, 4(2), 329-348.
- Rubio, K. (2001). *O atleta e o mito do herói*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Rubio, K. (2002a). O trabalho do atleta e a produção do espetáculo esportivo. *Revista Electronica de Geografía y Ciencias Sociales*, 6(119). Acesso em 12 de junho, 2001, em <http://www.ub.es/geocrit/sn/sn119-95.htm>
- Rubio, K. (2002b). Do Olimpo aos Pós-Olimpismo: elementos para uma reflexão sobre o esporte atual. *Revista Paulista de Educação Física*, 16(2), 130-143.
- Rubio, K. (2006). O imaginário da derrota no esporte contemporâneo. *Psicologia & Sociedade*, 18(1), 86-91.
- Sfez, L. (1996). *A saúde perfeita. Crítica de uma nova utopia*. São Paulo: Edições Loyola.
- Sousa, E. L. A. (2006). Furos no futuro: utopia e cultura. In F. Schüller & M. Barcellos (Orgs.), *Fronteiras: arte e pensamento na época do multiculturalismo* (pp. 167-180). Porto Alegre: Editora Sulina.
- Sousa, E. L. A. (2007). *Uma invenção da utopia*. São Paulo: Lumme Editor.
- Valle, M. P. (2003). *Atletas de alto rendimento: identidades em construção*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e da Personalidade, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.
- Vaz, A. F. (1999). Treinar o corpo, dominar a natureza: notas para uma análise do esporte com base no treinamento corporal. *Cadernos Cedex*, 19(48), 89-108.
- Wajcman, G. (1998). *L'objet du siècle*. Paris: Verdier
- Recebido em: 24/06/2009
Aceite em: 08/09/2011
- Mariana Hollweg Dias* é Psicanalista. Especialista em Psicologia do Esporte (CFP). Mestre em Psicologia Social e Institucional (UFRGS). Endereço: Rua General Caldwell 847/302. Porto Alegre/RS, Brasil. CEP 90130051.
Email: marihdias@hotmail.com
- Edson Luiz André de Sousa* é Psicanalista. Professor do PPG Psicologia Social e PPG Artes Visuais UFRGS. Pesquisador do CNPQ. Pós-Doutorado na Universidade de Paris 7 e na Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales (EHESS), Paris. Doutor em Psicanálise e Psicopatologia pela Universidade de Paris 7, Professor visitante an Deakin University (Melbourne) e no Instituto de Estudos Críticos (Cidade do México). Endereço: Rua Fernandes Vieira 474/32 Porto Alegre/RS, Brasil. Cep: 90035-090.
Email: edsonlasousa@uol.com.br

Como citar:

Dias, M. H. & Sousa, E. L. A. (2012). Esporte de alto rendimento: reflexões psicanalíticas e utópicas. *Psicologia & Sociedade*, 24(3), 729-738.